



2 Agosto QUINTA, 18:30 — Auditório 2

Slow Is Possible

João Clemente Guitarra elétrica

Ricardo Sousa Contrabaixo

Bruno Figueira Saxofone alto

André Pontífice Violoncelo elétrico

Duarte Fonseca Bateria

Nuno Santos Dias Piano

Os seis jovens músicos da região da Beira Interior foram buscar o nome deste grupo a uma peça de John Cage, *As Slow as Possible*, também conhecida como *ASLSP*, mas o que propõem só muito remotamente se referencia no mais libertário dos compositores do século XX e apenas algumas vezes tem tradução literal no andamento dos desenvolvimentos musicais. John Zorn é quem primeiro pensamos ao ouvir o álbum *Moonwatchers*, de 2017, mas a influência deste faz-se sentir mais no caráter cinematográfico dos temas do que no tipo de estruturação aplicado – o modelo está em *Invitation to a Suicide* (a música que o saxofonista compôs para a comédia negra de Loren Marsh) e não em *Naked City*. Neste plano, contam também as bandas-sonoras do cinema policial de série B e dos *westerns* italianos, bem como as auras de mistério e os parâmetros narrativos das obras de David Lynch e Maya Deren, tal variedade de alusões caracterizando apenas uma das facetas do esquizóide mundo dos **Slow is Possible**.

Outra está no trabalho melódico, que não podia ter maiores vínculos com a pop e até com a folk, em termos de eficácia e poder de sugestão: os *chorus* são orelhudos e trauteáveis, ficando na memória durante muito tempo. Em conjugação com as bases rítmicas, sempre intencionalmente *groovy*, ficam estabelecidos os motivos que explicam a acessibilidade da banda mesmo nos momentos em que a soma total de componentes nos provoca uma sensação de estranheza. Os **Slow is Possible** são tudo o que sobre eles se diz: um grupo de câmara que toca jazz elétrico; um grupo de jazz que se atira tanto ao metal progressivo como àquilo a que se chama música contemporânea; um grupo de rock que deixa o rock para trás à medida que vai descobrindo outras possibilidades e outras formas. Depende da perspetiva de quem assiste a um dos seus raros concertos. Essa particularidade de deixar ao público toda a liberdade de entendimento não é vulgar, estando aí igualmente a marca que John Zorn lhes deixou.

RUI EDUARDO PAES